

ABORTO COMO VIOLÊNCIA MIMÉTICA POR RENÉ GIRARD

ABORTION AS MIMETIC VIOLENCE BY RENÉ GIRARD

Alessandra Paula Baldner Rodrigues
Universidade Católica de Petrópolis
alessandrabalnder@ucp.br

Received: 09/16/2022

Accepted: 09/20/2022

Published: 09/25/2022

Abstract: The purpose of this article is to show how abortion stems from a mimetic desire and which, even today, generates a crisis and violence on the part of a population against the helpless fetus, which becomes the scapegoat, that is, the innocent victim. Of a mass society, built and educated to condemn those who, in addition to having no voice, have their rights subjugated. The violence perpetrated and instigated against these innocent people is practiced not only by those who generate them, but by the collective that acts irrationally, feeding the destructive cycle of violence daily. These helpless beings are a symbol of human sacrifice that is perpetuated in a camouflaged and often disguised way in our midst and, as an abortion provisionally resolves the mimetic crisis, others need to multiply as a way of cherishing that group that believes to be this is the solution to peace.

Keywords: Cycle of violence. Sacrifice. Scapegoat. Innocent victim.

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar como o aborto decorre de um desejo mimético e que gera, ainda na atualidade, uma crise e violência de uma parte de uma população contra o feto indefeso, que se torna o bode expiatório, ou seja, a vítima inocente de uma sociedade massificada, construída e instruída para condenar aquele que, além de não ter voz, tem seus direitos subjugados. A violência perpetrada e instigada a estes inocentes é praticada não só por quem os gera, mas pela coletividade que age de forma irracional, alimentando o ciclo destrutivo da violência diariamente. Estes seres indefesos são símbolo do sacrifício humano que se perpetua de forma camuflada e, muitas vezes, dissimulada no meio de nós e, como um aborto resolve, provisoriamente, a crise mimética, outros precisam se multiplicar como forma de acalantar aquele grupo que acredita ser esta a solução para a paz.

Palavras-chave: Ciclo de violência. Sacrifício. Bode Expiatório. Vítima inocente.

I. INTRODUÇÃO

René Girard (1923 – 2015), por meio de sua Teoria do Desejo Mimético e que motivou esta pesquisa é considerado como o Darwin das Ciências Sociais. Seu estudo tem por base a violência e as perseguições coletivas, feitas pela multidão (GIRARD, 2004, p. 19). Ele mostra como a partir de um desejo mimético duas pessoas podem gerar uma crise mimética de proporção infinita e que a solução dada, até a vinda de Jesus Cristo, foi encontrar um bode expiatório para ser considerado o culpado por todos os males que aconteciam naquele grupo e/ou sociedade. A solução seria a eliminação do bode expiatório para que a normalidade voltasse àquele povoado, entretanto, de forma transitória, até que um novo desejo fosse motivo de uma nova crise mimética. Embora o Cristianismo tenha nos ensinado que o ciclo de violência deve ser expurgado entre os seres humanos, o comportamento das multidões se repete na atual sociedade, de forma irracional, na tentativa de sempre encontrar um bode expiatório, pois é a solução mais fácil do que aquela de se sentir também responsável pelo todo. As crianças que ainda estão sendo geradas no ventre materno são verdadeiros bodes expiatórios de uma sociedade perversa que, sem “capacidade” de raciocinar, aplaudem, diariamente, os inúmeros abortos noticiados e incentivados por grande parte da mídia, no Brasil e no mundo, e não percebem que o ciclo de violência permanece vivo em cada “aplausos”, manifestado por atos e omissões.

II. O DESEJO, A CRISE, A VIOLÊNCIA MIMÉTICA E O SURGIMENTO DO BODE EXPIATÓRIO

Na obra *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (2009), René Girard diz que o homem é incapaz de desejar por si mesmo. Para ele, a liberdade e a autonomia nas próprias escolhas não passam de uma ilusão romântica, pois, na verdade, o homem escolhe apenas o que já é desejado pelos outros. Em sua teoria sobre o desejo mimético, o autor propõe uma relação triangular dos sujeitos (desejante e modelo) e do objeto (bem desejável). A base da pirâmide é formada pelo sujeito desejante e pelo objeto (desejável) e o ápice é formado pelo sujeito modelo. Uma rivalidade mimética pode surgir quando este modelo torna-se negativo

para o sujeito que deseja ser como o modelo e quanto maior for à rivalidade, maior será o mimetismo.

O sujeito (desejante) deseja “ser como” o outro (modelo), que sempre deverá existir nesta relação triangular, pois, se o modelo desaparecer, o desejo também desaparecerá.

Desejar ser como alguém é distinto de ser igual a alguém. Ser como o outro é ter nele um modelo, sem deixar de ser quem se é. No mimetismo sempre haverá contradição entre união/coesão e desunião/separação.

É a partir do desejo mimético que nasce a crise mimética e, posteriormente, a violência mimética, que faz surgir o bode expiatório. Qualquer fato ou acontecimento que comprometa a hierarquia entre o sujeito (desejante) e o modelo provocará uma crise mimética. A crise mimética é a crise do modelo que só será normalizada quando o este estiver em perfeito funcionamento. A análise apresentada pelo autor é antropológica e social.

O que fica bem claro com os estudos de René Girard é que uma crise mimética pode ser iniciada com apenas duas pessoas e tomar proporções muito maiores, afetando uma sociedade por inteiro, cada um lutando por seu desejo, formando grupos que lutam entre si, gerando uma forte pressão social de violência que pode se tornar insuportável e, para que não aconteça uma explosão de violência, o homem desenvolveu o sistema do bode expiatório. Ou seja, os indivíduos acreditam que ninguém é culpado por toda crise que está acontecendo e culpam um sujeito/algo que não está participando ou faz parte do conflito existente, assim, todos os males e os problemas recaem sobre o bode expiatório. Por essa “lógica”, a única forma de normalizar e devolver a paz para esta sociedade ou para esse grupo de pessoas é eliminando o bode expiatório. A eliminação do bode expiatório se dá por diversas formas: exilando alguém, excluindo do convívio com os demais ou ainda, praticando o aborto, que é o objeto central deste trabalho. Entretanto, esse é um sistema falho, pois em um breve momento, um novo objeto surgirá como desejado e uma nova crise mimética também surgirá, logo, um novo bode expiatório será apresentado como forma de resolução. Trata-se de um ciclo infinito de violência.

A teoria de René Girard mostra como a violência contagia os seres humanos. Como falado, o conflito entre duas pessoas pode ser ampliado e se tornar uma briga entre dois grupos. Durante o conflito, o objeto tende até mesmo a desaparecer. Ele é esquecido no meio do caos social e a violência só é apaziguada quando o objeto é destruído, podendo-se exemplificar com

os inúmeros e polêmicos casos de aborto, que são apresentados pela mídia como solução de uma crise social. Para essa multidão, basta que o feto seja eliminado e a crise termina.

Para o autor, o ser humano é um potencial agressor e é necessário observar como pessoas que pensam de forma tão diferente podem se unir, só porque apareceu um inimigo único entre eles.

O bode expiatório consegue juntar inúmeras pessoas nesses pensamentos de eliminação do “problema” permitindo que, no meio de suas distinções e divergências, elas se esqueçam que são completamente separadas umas das outras em pensamentos, visão de mundo, por exemplo. Entretanto, por encontrarem a vítima em comum, descarregam toda sua ira, seu desejo de destruição sobre um povo, uma pessoa, um bebê indefeso que sequer tem a oportunidade de defender-se.

A vítima (o bode expiatório) é inocente e a solução dada é provisória porque há um equacionamento das diferenças, um “solapamento” das hierarquias e das estruturas e todos estão no mesmo patamar, desejando as mesmas coisas das mesmas pessoas. Todos querem ocupar um mesmo espaço, gerando caos. Os problemas são comuns. A crise mimética não é mais local e sim generalizada. A escolha do bode expiatório obedece a padrões que não estão tão próximos da lógica, da verdade e são manifestações da irracionalidade, da violência intempestiva dentro do ser humano do que propriamente algo controlado pela razão.

René Girard, cita a mitologia antiga, pois os deuses/heróis eram aqueles que extirpavam o mal. Havia um sujeito/monstro que representava toda a maldade, que não tinha voz e era considerado o mal só pelo fato de existir. Eliminá-lo era a libertação de todo povo e quem o matava era considerado o libertador do povo, ou seja, era o justo. Entretanto, o autor observou que esse ciclo de violência repetitivo não existe no Cristianismo, o que é algo inovador. No Cristianismo o herói se apresenta como o bode expiatório, pois a missão do Cristo é se apresentar para o mundo e acabar com esse ciclo sem fim. Cristo não mata o inimigo e traz para si toda a culpa, mostrando para todos que o ciclo do bode expiatório é uma mentira, pois Ele não tinha culpa alguma e mesmo assim, foi crucificado e morto. A revelação acontece quando se torna claro para toda humanidade que o ciclo absurdo de violência eterna tem que acabar e os seres humanos devem assumir suas próprias responsabilidades.

A morte do Justo foi compreendida como o sacrifício de uma vítima substituída que satisfaz a lei da pena. “Ele sofreu por nós” significa: ele pagou por nós o preço do crime antigo. Direi mais adiante que esta interpretação

puramente penal não cobre totalmente o mistério da Cruz e que a teoria da satisfação é apenas uma racionalização de segundo grau de um mistério cujo centro não é a punição, mas o dom. (RICOER, p. 352)

O livro *A Imitação de Cristo*, pode ser considerado a renúncia da inveja e da vingança, porque o mediador está num campo infinitamente superior porque Ele não é um simples ser humano. A verdade antropológica é que todo ser humano é um acusador em potencial, que todos podem jogar a primeira pedra; que todos apontam o dedo; que são repletos de defeitos e que é preciso perdoar. O perdão dado pela vítima é a única forma de paralisar uma violência mimética na visão de Girard e somente desta forma, ninguém será agredido sem ser o agressor. Na história, Cristo é o único agredido sem ser o agressor.

Para SALLES (p. 207), Cristo não é o único símbolo possível que desmonta o ciclo de violência:

Mas estou preparado para argumentar que o símbolo de Cristo não é necessariamente o único possível. Eu diria que é aquele que conheço, é, portanto, aquele do qual vivo, mas esta transformação da vítima necessária na vítima que testemunha contra o sistema ocorre talvez noutro lugar. E talvez haja no Budismo, se me é permitido arriscar apenas uma palavra sobre isso, uma espécie de depreciação da vitimização, que existia na tradição hindu sob a forma de carma e, portanto, como uma espécie de constrangimento, à reencarnação. Havia uma espécie de condenação do seu sistema em virtude do seu próprio cumprimento.

III. O ATO SACRIFICIAL COMO SOLUÇÃO DA CRISE

Na obra “*A violência e o sagrado*” (GIRARD, 2008, p.11) o sacrifício se apresenta de duas formas opostas: como algo sagrado ou como uma espécie de crime. Há um círculo ambivalente a respeito do caráter sagrado da vítima. Ela não pode ser morta porque é sagrada, entretanto, ela só se torna sagrada porque foi morta. Para o autor (p. 12 e 13), o sacrifício e o assassinato se aparentam e, para ele, há um mistério sobre a relação da violência com o sacrifício e que quase ninguém procura entender. A violência não é irracional como alguns tentam fazer crer, pois para ela não faltam motivos, entretanto, os motivos para praticá-la são deixados de lado mesmo quando o objeto desejado estiver fora do alcance.

A violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa. A criatura que excitava sua fúria é repentinamente substituída por outra, que não possui característica alguma que atraia sobre si a ira do violento, a não ser o fato de ser vulnerável e de estar passando a seu alcance (GIRARD, 2008, p. 13).

E, nesse sentido, cabe refletir se o sacrifício ritual não tem por base a mesma razão de existir. Por vezes, o sacrifício de animais serve como proteção dos seres humanos, que deixam de sofrer a violência, ou seja, para quem oferece o sacrifício, a vida daquele animal não tem valor algum, embora pareça com algo humano. Os animais levados ao sacrifício sempre foram escolhidos entre os mais inocentes, dóceis, por serem de maior utilidade, ou seja, aqueles que se assemelhavam com a espécie humana.

A hipótese que Girard (2008, p.14) apresenta é de que a relação da vítima potencial e a da vítima atual não podem ser definidas tomando por base o critério de culpa e de inocência, pois não há nada a ser “expiado”, já que a sociedade tenta transferir para uma vítima inocente uma violência que para esta sociedade deve ser protegida a que título for. Para o autor, só é possível “enganar” a violência se lhe for dado uma “válvula de escape” (2008, p. 15), pois o sacrifício sempre foi definido como uma mediação entre um sacrificador e uma “divindade”.

Os que praticam o sacrifício não têm consciência plena da violência que, de fato, está acontecendo com o ato de sacrificar a vítima, quer seja humana, quer seja animal. O reconhecimento do sacrifício como violência foi observado em estudo onde se constatou que há no ato de sacrificar uma transferência coletiva ao custo da vítima, relacionada às tensões internas, rancores, rivalidades e desejos de agressões dentro de uma comunidade. Quando um sacrifício é praticado, ele é ofertado a todo um grupo ou a uma comunidade, que se vêm protegidos por aquele ato.

Girard encontra a chave para um fenômeno tão extenso como o sacrifício na estrutura do desejo. Eu desejo o que tu desejas, identifico-me mimeticamente com o teu desejo, e a única maneira de sair deste ciclo fatal gerado pelo desejo e pela sua duplicação é para mim e para ti a reconciliação pela união contra uma terceira pessoa que expulsamos. Assim, a expulsão da terceira pessoa torna-se um remédio em relação à ameaça íntima da mimese. (SALLES, p. 205)

O sacrifício aparece como uma solução para resolver as desavenças e crises interpessoais pois, ao ofertar a vítima, ou seja, o bode expiatório, o mal se dissipa e a violência desaparece naquele meio. O sacrifício é capaz de expulsar toda forma de violência perpetrada dentro de uma comunidade. Ele protege o homem da sua própria violência e põe em cima da vítima toda a culpa pela desordem social, apaziguando, temporariamente, aquele grupo.

Segundo MERUJE (p. 155):

O sacrifício como constituinte da sociedade, consiste em transferir para outro objecto, uma vítima arbitrária, todas as tensões e ódios que criam mal-estar na sociedade. O caráter terapêutico da vítima leva a que esta tenha que fazer parte da sociedade que é suposto <<purificar>>, para que esta se identifique com ela, mas, contudo não pode ser uma parte ou um elenco fundamental desta. Se a vítima sacrificial fosse uma parte fundamental – na nossa sociedade, por exemplo, uma figura política – esta geraria uma violência de vingança, de retorno, no meio da sociedade e levava igualmente ao seu colapso. A vítima é escolhida entre o todo da sociedade e tem de pertencer, digamos, a um grupo desprezado. Na impossibilidade de esta ser um ser humano, a simbólica sacrificial transfere essa vítima para uma vítima animal: um bode, um carneiro, um cordeiro. O animal, em substituição de uma vítima humana, passa a ser durante um tempo alvo de culto e adoração estabelecendo por um processo de *transfert* psicológico uma paz provisória que liberta o todo social das tensões que este sofria anteriormente.

Quando uma crise sacrificial passa a fazer parte de uma sociedade, ou seja, uma vítima não é capaz de expulsar a violência que acaba se perpetuando, a solução será a de encontrar um número maior de vítimas capazes de trazer a paz social para aquele grupo, o que faz multiplicar os bodes expiatórios. A violência perpetrada nos sacrifícios, ao longo do tempo, tornou-se mais sutil e dissimulada, expondo também a crise sacrificial. Para MEJURE, p. 157 “(...) a interposição de muitas mediações técnicas e de discursos entre as vítimas e os seus ‘sacerdotes’/‘carrascos’, visam muitas vezes negar essa violência e camuflar tal registro, levando a uma disfunção do acto sacrificial.”

Ocorre que, nos dias atuais, o sistema jurídico substituiu o sacrifício do bode expiatório de forma “racional”, impedindo que a violência se perpetue em nossa sociedade. O sistema jurídico substituiu o sistema sacrificial, como uma metamorfose (MEJURE, p. 157).

Na sociedade moderna, composta pelo Estado, por leis, política, economia, ou seja, por instituições consideradas racionais, se mantêm o processo sacrificial, mas de forma disfarçada. O sacrifício deixa de ter sua natureza clara e objetiva e passa a ser realizado de forma legitimada pela justiça, como por exemplo, as leis e recomendações de órgãos públicos que autorizam o aborto.

IV. A VÍTIMA INOCENTE

Para tratar da vítima inocente que aqui é o nascituro que está sendo gerado no ventre de uma mulher, cabe trazer a seguinte frase de Salles, p. 198: “Eu diria que, assim expressa, a força do princípio da justiça é a seguinte: qualquer outra vida vale tanto como a minha.”

Girard, na obra “O bode expiatório” (2004, p. 19) entende que perseguições com ressonâncias coletivas são aquelas que, geralmente, são encorajadas pela opinião pública e completa dizendo que as perseguições que interessam são as que se desenvolvem em período de crise, provocando o enfraquecimento das instituições e fortificando a formação de multidões, que podem exercer uma forte pressão ao ponto de decidir e, até mesmo, substituí-las.

A crise, antes de tudo, é social e moral, uma vez que as relações humanas se desfazem. Os indivíduos não só desaprovam a si, como à sociedade e tendem a não se comprometer com nada, sequer com o outro que lhe parece nocivo e, para confirmar sua suspeita, é preciso encontrar estereótipos para perseguição. Os motivos para acusação podem ser os mais diversos e de fácil identificação. Num primeiro momento, a violência tem relação com crimes cometidos por autoridades, entretanto, a violência é praticada contra os mais fracos, os desarmados e aí, são incluídas as crianças. Via de regra, os crimes invocados são em relação à cultura de um povo ou de uma região, às famílias e à hierarquia que disciplinam e mantêm a ordem de uma sociedade, mas há os crimes praticados que levam em consideração a religião, como a profanação de hóstias, por exemplo. (GIRARD, 2004, p.22 e 23)

Fato é que os perseguidores têm a certeza de que alguns ou apenas um único indivíduo pode ser extremamente maléfico no meio social, embora seja alguém que não apresente qualquer ameaça: um bebê no ventre materno.

É a acusação estereotipada que autoriza e facilita esta crença, desempenhando com toda evidência um papel mediador. Ela serve de ponto entre a pequenez do indivíduo e a enormidade do corpo social. Para que malfeitores, até diabólicos, consigam indiferenciar toda a comunidade, é preciso que a firam diretamente no coração ou na cabeça, ou que comecem por sua esfera individual, nela cometendo esses crimes contagiosamente indiferenciadores, como o parricídio, o incesto etc. (GIRARD, 2004, p. 23)

As indagações coletivas ocorrem pelas qualidades extremas não só da riqueza, como da pobreza, do vício, como da virtude, mas também da fraqueza das mulheres, dos idosos e das crianças. Com frequência, a multidão se volta contra quem, em algum momento, exerceu sobre ela um empreendimento excepcional. (GIRARD, 2004, p.28)

A tensão intolerável que permite uma ruptura social associada a uma vítima que não pode revidar para absorver a violência em determinado grupo e a dissimulação da função do sacrifício que, para trazer equilíbrio social, admite a violência real são os elementos que definem a religião sacrificial para Girard, como descreve WARD (p. 18) e, para ele, religião não está associada a uma conduta moral ou a uma divindade ou a um fundamento metafísico.

Na América, o aborto é defendido como um sacrifício e não como uma questão de política ou saúde pública. Para as feministas, existe um sistema opressor institucionalizado que as diferenciam e as tornam inferiores aos homens. Elas consideram não ter identidade, exceto quando concedida pelo homem que possui poder e tudo mais que elas desejam, fazendo surgir uma crise mimética. Ward (p. 21) descreve uma pesquisa com alunas de uma universidade americana, onde 85% disseram que queriam ser como um homem, em especial, para saberem dizer não sem ferir os sentimentos dos outros. Como descrito por Ward, a vida sexual e a gravidez da mulher americana pertencem tão somente a ela, mesmo quando casada e isso incluiu a decisão de abortar.

Para Ward (p. 22), criar falsas igualdades e rivalidades entre homens e mulheres rompe laços de parentesco e gera filhos sem lugar na estrutura social. Crianças nascidas e criadas num ambiente inseguro podem se tornar um classe perigosa e perturbadora e, quando os costumes sexuais são afrouxados ao ponto para permitir o divórcio de forma muito simples e rápida, os laços que ligam os adultos às crianças tornam-se fracos e fáceis de serem quebrados. Nenhum sistema de bem-estar pode neutralizar desagregação familiar. A instabilidade do núcleo familiar que leva a crise sacrificial descrita por Girard, pode ser vista no desenvolvimento da cultura do aborto.

A mulher grávida quando se sente oprimida pelo sistema econômico, financeiro, social e percebe que esta opressão está relacionada ao seu corpo, tem duas opções óbvias: se rebelar contra o sistema ou se rebelar com o que está dentro do seu corpo, ou seja, com o feto e, se a mulher aceita que o inimigo é a sua gravidez, ela vai procurar o aborto, pois o feto é frágil e não tem como se rebelar. Lamentavelmente, a comunidade preferiu adotar estruturas que definiram sucesso pessoal e liberdade sexual como sagrados, que não podem ser restringidos, nem mesmo pela lei. Assim, se estas estruturas devem prevalecer, cabe a mulher escolher entre o fracasso social ou a maternidade e, considerado nesses termos, o aborto se encaixa no sacrifício religioso, onde as vítimas são as mais indefesas. O feto passa a ser o culpado pela desordem social desde a sua concepção e por isso, deve ser eliminado. Entretanto, o feto pode

também ser visto como inocente, mostrando a ambivalência do sacrifício a partir do momento em que a mulher justifica o aborto por culpa de terceiros que não lhe deram outra opção (WARD, 23)

A indústria publicitária, principal responsável pelas vendas no comercial, se baseia na insegurança mimética. Como tratado por Ward (p.26), os americanos acreditam que a liberdade é seguir os desejos mais profundos do coração para alcançar a própria felicidade e, para isso, esses desejos devem ser firmes e inflexíveis. Essa mesma indústria é quem fortalece a narrativa de que crianças indesejadas devem ser abortadas e essa liberdade auto-orientada escapa ao julgamento racional. Então, a fundamentação para o aborto passa a ser justificada pela liberdade de escolha, de fazer valer os desejos mais íntimos do coração.

A maioria das mulheres que abortam o fazem porque dizem não ter livre escolha e, como destacado por Ward, ainda na p. 26, 90% das mulheres que abortam o fazem porque buscam a aprovação de outra pessoa. Dizem que praticam o aborto para agradar ou proteger alguém pois, para se sentirem acolhidas, devem satisfazer o desejo do outro. A retórica daqueles que são a favor do aborto chamam o nascituro de "invasor" do mal e dizem que o feto tem o incrível poder de extrair qualquer alimento que precise da mulher grávida (WARD, p. 27).

V. CONCLUSÃO

Por meio da Teoria Mimética de René Girard é possível concluir que uma crise, tão somente, entre duas pessoas pode se tornar algo muito maior, de proporção incontrolável. Para o autor, a violência gerada em uma sociedade não pode ser solucionada por meio de outra violência. Os bodes expiatórios criados como resolução podem fazer aquele grupo ou sociedade apaziguarem temporariamente, entretanto, tão logo surja uma nova crise mimética, outro bode expiatório será apresentado como a solução. Embora o Cristianismo tenha revelado ao mundo que Cristo foi à vítima inocente ofertada em expiação dos pecados da humanidade, novos bodes expiatórios surgem diariamente. As crianças, em especial, aquelas que ainda estão no ventre de suas mães são consideradas culpadas e, por isso, devem ser extirpadas do convívio social, uma vez que elas impedem as mulheres de viverem suas vidas em plenitude, pois, segundo os movimentos feministas descritos por Ward, para ser livre e feliz o ser humano deve ouvir os desejos mais íntimos do seu coração.

Infelizmente, a crise da família, instituição necessária e responsável pela ordem social, como descrito por Girard, cresce a cada dia e um profundo abismo se abre, entretanto, muitos são aqueles que lutam e se opõem à multidão irracional que defende o aborto e, por vezes,, são capazes de salvar essas vítimas inocentes.

REFERÊNCIAS

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. Tradução: Martha Conceição Gambini. Editora Paz e Terra, 2008. Disponível em: <<https://pt.br1lib.org/book/3608542/c4348d>>. Acesso em: 26/06/2022;

GIRARD, René. **Mentira Romântica e Verdade Romanesca**. Tradução: Lilia Ledon da Silva. É Realizações, 2009. Disponível em: <<https://pt.br1lib.org/book/11730636/e6bfc3>>. Acesso em: 26/06/2022;

GIRARD, René. **O Bode Expiatório**. Tradução: Ivo Storniolo. Paulus, 2004. Disponível em: <<https://pt.br1lib.org/book/3609596/2db09a>>. Acesso em: 26/06/2022;

KEMPIS, Tomás de. Texto latino atribuído a **Imitação de Cristo**. Reflexões de Pe. J. I. Roquette. Editora Ave Maria. Imprimatur, 1928;

MERUJE, M.; ROSA, J. M. S. Sacrifício, rivalidade mimética e “bode expiatório” em R. Girard. **Griot: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 151-174, 2013. DOI: 10.31977/grirfi.v8i2.562. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/562>. Acesso em: 26 jun. 2022;

RICOER, Paul. **O conflito das interpretações**. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/3632455/1846f6>. Acesso em: 28/06/2022;

SALLES, Sergio de Souza. Religião e violência simbólica de Paul Ricoeur. **Synesis**, v. 12, n. 2, p. 197-209, ago/dez 2020, ISSN 1984-6754. Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <<https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2045>>. Acesso em: 29/06/2022;

WARD, Bernadette Waterman. "Abortion as a Sacrament: Mimetic Desire and Sacrifice in Sexual Politics." **Contagion: Journal of Violence, Mimesis, and Culture**, vol. 7, 2000, p. 18-35. Project MUSE, [doi:10.1353/ctn.2000.0002](https://doi.org/10.1353/ctn.2000.0002). Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/392445>>. Acesso em 26/06/2022.